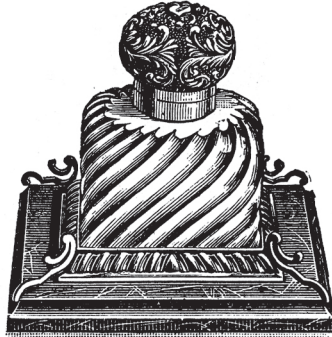


DIAS INQUIETOS, NOITES INQUIETAS



Depois de tantos anos, ainda me é difícil admitir que, nos dias terríveis em que o exército prussiano estava a cercar Paris, os meus pensamentos se concentravam completamente nos meus dois extraordinários amigos, dos quais tive de me despedir depois das férias de verão.

Naqueles dias, os prussianos continuavam a avançar, intraváveis, enquanto o débil exército francês retirava depois da vergonhosa derrota de Sedan. Felizmente, Sherlock encontrava-se num lugar seguro, longe da França, enquanto Lupin, estivesse onde estivesse, era a pessoa

mais capaz de cuidar de si mesma que eu alguma vez conhecera. Não posso portanto dizer que estivesse preocupada com a segurança deles e, no entanto...

De resto, as mesmas palavras que acabo de utilizar, palavras como «vergonhosa» e «débil», na altura não me pertenciam, sendo antes o fruto de considerações mais maduras, que vieram com o tempo.

Naquele período, no longínquo setembro de 1870, o meu coração batia ao ritmo imprevisível da juventude e os meus pensamentos eram mais caprichosos, ou talvez seja mais apropriado defini-los como inconscientes.

A guerra, como referi, já estava perdida e pelas ruas de Paris só se falava do desbarato do império e de uma iminente queda sob as baionetas do príncipe Alberto da Saxónia, ao mesmo tempo que qualquer pretexto era motivo de briga entre os que defendiam a urgência de um armistício digno e os que afirmavam estarem prontos para se alistar como voluntários ou juntar-se aos grupos de patriotas, prontos a resistir combatendo de casa em casa, defendendo rua após rua, até à morte.

Entretanto, eu, Irene Adler, naqueles mesmos dias, deslocava-me de carruagem entre as multidões tumultuosas e assustadas e continuava a viver no nosso belo palacete de Saint-Germain-des-Prés, onde a minha família adotiva decidia o que iríamos fazer.

Falo agora de família adotiva, embora naquela altura, com toda a minha ingenuidade, apenas tivesse umas desconfianças mínimas acerca das minhas reais origens, e nunca investiguei — ou quis investigar — sobre o porquê de o meu rosto alongado cheio de sardas e os meus olhos azuis não se parecerem com as feições do meu pai e da minha mãe.

Agora que penso nisso, na altura havia tantas coisas que não sabia se queria mesmo saber.

E havia outras, por outro lado, que não me deixavam sossegada, a guerra e o cerco de Paris, claro, mas a questão mais insistente era outra: no meio daquela confusão infernal de cartas e comunicados, de chaminés negras e soldados com os uniformes desfeitos, no meio daquele vaivém de gente, de jornais vendidos pelos ardinas italianos por duas moedas na esquina da rua... que era feito de Sherlock e de Arsène?

Pensando naqueles dias, recorro as contínuas palavras consoladoras que me eram dirigidas: não tinha de preocupar-me nem de assustar-me. E muitas das jovens amigas com quem a minha mãe queria que eu convivesse para assegurar-me uma entrada direta e confortável na alta sociedade eram justamente assim: tranquilas e despreocupadas.

Um certo número delas, mães e filhas da nata de Paris, encontrava-se naquela terça-feira na sala de estar da nossa

casa. A mim, que da claraboia do meu quarto as vira entrar, pareciam-me os patos que passavam o inverno no lago das Tulherias, só que, em vez de plumas iridescentes, as amigas da minha mãe com as respectivas filhas (que, por outro lado, não eram minimamente amigas minhas!) ostentavam elaboradas roupas de cor azul, cor-de-rosa e amarelo-açafrão. Disfarçavam os seus olhos de carneiro mal morto sob as abas requintadas dos seus chapéus, e as mãos demasiado brancas e flácidas em suaves luvas creme. Decerto deviam ter vindo para o chá, armadas com minúsculos leques de seda e joias que teriam feito crescer água na boca a todos os mal-intencionados dos arredores.

Dado que em vários bairros da cidade os fornos já racionavam o pão e que muitas lojas tinham em cartaz o triste espetáculo das prateleiras vazias e desoladas, deveria ter-me enfurecido por aquela ostentação tão pouco apropriada.

Mas eu, naquela casa, era considerada ainda uma criança e, por mais que soubesse muito bem dentro de mim que já não era assim, dentro daquelas quatro paredes dava por mim a portar-me realmente como uma criança, apesar da minha idade. Por conseguinte, fingia ter um feitio muito mais condescendente e sossegado quando, na verdade, sempre que estava sozinha ou com os meus dois grandes amigos, soltava-me e inflamava-me, dando vida a mil pensamentos tumultuosos.



Portanto, as parisienses estavam na sala e o mordomo Nelson, como um abutre, encontrava-se do outro lado da porta do meu quarto no último andar, onde normalmente ficam os quartos dos criados.

— Menina Irene... — chamou-me, mais uma vez.
— A senhora está à sua espera.

Mais do que uma convocatória era um suspiro.

Eu lancei um último olhar às duas cartas alinhadas em cima da minha mesa e suspirei da mesma forma.

— Já vou — menti, incapaz de desviar o olhar da caligrafia elegante e sinuosa que cobria por completo a carta que Sherlock me tinha entregado no dia da minha partida de Saint-Malo, no verão anterior.

Sabia de cor as palavras, uma vez que a tinha lido vezes sem conta ao longo da viagem de regresso à cidade.

E nos dias seguintes.

Sherlock desejava-me um bom regresso a casa e, pela primeira vez desde que nos tínhamos conhecido, mencionava rapidamente os últimos acontecimentos na França. Protegidos pela distância, pelas férias em Saint-Malo e pela demora dos correios, passámos o verão a ignorar a maioria dos acontecimentos que se apresentavam no país.

No entanto, não é possível viver para sempre no luxo e longe do mundo real.

E, assim, eu voltaria a Paris, ao passo que ele e os irmãos seguiriam a mãe até Londres, onde Holmes estava disposto a apostar que tudo correria da melhor das maneiras. Mesmo que a mãe se queixasse de tudo: do barulho infernal das ruas apinhadas, do fedor insuportável dos becos, da má educação dos cidadãos, do monótono regateio dos comerciantes... A opinião de Sherlock era, obviamente, oposta. Sabia, ou talvez apenas esperasse, que naquela cidade arranjaría todo o tipo de livros que se lembrasse de ler, simplesmente entrando numa das numerosas livrarias de Charing Cross. E depois começaria a ter aulas de violino! A notícia, anunciada assim, sem preâmbulos, fizera-me sorrir e, embora no início tivesse pensado que era uma brincadeira da sua parte, a forma de escrever, decidida e sem rodeios, convencera-me de que o meu amigo estava a falar a sério.

Holmes a tocar um violino! Sherlock parecia-me demasiado inquieto e impaciente para se aventurar numa arte que exigia, para ser dominada, uma infinidade de exercícios aborrecidíssimos e repetitivos. Era o mesmo que imaginar Arsène Lupin vestido de padre!

... A verdade?

A verdade era que tinha passado algumas noites em claro, envolta na luz branca da Lua, enquanto fora de Paris rebentava a artilharia prussiana, imaginando Sherlock, de pé, a tocar o seu violino. Era apenas uma

forma inconsciente de não pensar na guerra que estava a chegar às portas da minha cidade? Sei lá.

O resto da carta de Sherlock era mais apressado e vagamente desajeitado: desejava que o nosso encontro em Saint-Malo não estivesse destinado a ser o único e esperava que, mais tarde ou mais cedo, nos pudéssemos encontrar em Londres ou que a sua família pudesse visitar Paris, se calhar quando a situação se tranquilizasse e viajar não fosse tão arriscado. A carta terminava assim:

Em ambos os casos, prometo que farei questão de te levar a todos os recantos mais duvidosos e pouco recomendáveis da cidade na qual nos encontraremos de novo!

O teu, Sherlock Holmes

Acabava de lê-la pela enésima vez quando o senhor Nelson bateu delicadamente à porta, chamando-me à vida real. O convívio na sala reclamava o meu tempo. E eu não tinha intenção de conceder-lhes nem um segundo mais do que o necessário.

— Podes entrar, Nelson... — disse-lhe, dobrando a carta de Holmes.

A porta entreabriu-se.

— Não sou eu a dever entrar, menina Irene... — lembrou-me o imponente criado negro que trabalhava ao

serviço da nossa família desde que tinha nascido. — É a menina que precisa de sair. As senhoras e as suas filhas solicitam a sua presença.

— A sério? — perguntei, erguendo uma sobrancelha.
— E, ao certo, que solicitam de mim? A minha cultura em matéria de poesia latina, as minhas opiniões sobre a moda em tempo de guerra ou a minha incontestável simpatia?

— A última das opções, menina... — sorriu-me ele.

Agora posso afirmá-lo com franqueza: entendia-me muito melhor com o senhor Nelson do que com a minha mãe.

Não fiquem escandalizados, por favor. A culpa não era de nenhum dos dois.

Eu não era uma menina de boas maneiras.

E ela não era minha mãe.